

A Rota da Seda, o Colar de Pérolas e a competição pelo Índico (Parte 3/3)

Daniel Day Vázquez

(Madrid, Espanha)

Tradução de Marcos Vinícius da Silva Dantas Fernandes¹

*Uma personalidade repelente exerce uma função social importante na hora de unir a seus inimigos, e foi sob a pressão do barbarismo exterior que a Europa alcançou sua civilização. Peço, portanto, durante um momento, que contemplem a Europa e a história europeia como subordinada à Ásia e à história asiática, pois a civilização europeia é, num certo sentido muito real, o resultado da luta secular contra a invasão asiática. (Halford J. Mackinder, *The Geographic Pivot of History*).*

As mitologias antigas falavam de um eixo do mundo - "*Axis Mundi*", uma espécie de fio que conectava os distintos mundos e dimensões, o cimento que os mantinha unidos, aquilo que tinham em comum. Também existiam monstros mitológicos que atentavam contra ele, como a serpente marinha Jormungand na mitologia nórdica. Nas partes anteriores deste artigo, vimos que na geopolítica existe também um *Axis Mundi*: se trata da Rota da Seda, uma árvore em torno do qual floresceram ramos e raízes que cobriam boa parte do continente euroasiático, tendendo a vertebrar especialmente todo o mundo indoeuropeu. Existia, inclusive, uma língua francesa na Rota da Seda: o *yagnob*, dialeto persa que toma seu nome de um recôndito vale do atual Tadjiquistão. Os monstros marinhos de nossos dias são as potências periféricas do mundo que tem tocado desempenhar uma estratégia marítima. Estas potências, pela impossibilidade de dominarem a Rota da Seda por terra, devem sabotá-la por mar, especialmente semeando os espaços continentais de divisões e instabilidades territoriais (balcanização) e drenando suas mercadorias através do Índico (Rota das Especiarias). Nesta luta de rotas, a Rota da Seda tende a dar importância ao Heartland eurasiático, e a Rota das Especiarias ao *Rimland* e ao Índico.

Hoje, as violentas guerras de salvaguardar aos interesses econômicos de uma minoria de especuladores pode soar como conspiração ou exageração, mas só temos que pensar nos implacáveis conflitos que se produzem em muitos de nossos bairros pelo controle de uns poucos milhões de euros de droga. Se substituirmos as drogas pelos hidrocarbonetos e outros recursos, e os poucos milhões por dezenas de bilhões de euros, entenderemos que existe no mundo interesses bastante fortes para fazer que Estados e povos

1 Bacharel do Curso de Geografia da UFRN. Contato: marvinfernandes41@gmail.com

inteiros mergulhem na guerra, especialmente num mundo onde a escala de valores que domina é a do benefício material fácil, barato, imediato e a qualquer preço. Isto se vê agravado pelo fato de que, em muitos lugares, as fronteiras estatais parecem desenhadas pelo mesmo Diabo com o objetivo de perpetuar a instabilidade e o conflito e evitar o êxito de blocos regionais organizadores e pacificadores.

Como os meios de comunicação oficiais são controlados pelos bancos e multinacionais a quem não interessa que certas coisas sejam do domínio público (ao contrário, sua propaganda está claramente dirigida a acalmar e emburrecer as massas), o indivíduo que queira estar consciente "do que realmente se passa no mundo" deve recorrer a fontes alternativas, e muitas vezes fazendo um grande esforço para discriminar a informação inútil num mar de desinformação. Na última e mais longa parte desta série de artigos, seguimos sem perder de vista que temos saído de um século atlântico para entrar num século indopacífico. Toca, portanto, terminar de passar em revista aos Estados importantes no domínio do Índico e das antigas Rotas da Seda e das Especiarias. Examinaremos também os diversos projetos estabilizadores que, opondo-se à ameaça do Globalistão e da influência caótica das potências periféricas do mundo, buscam solidificar as conexões entre Oriente e Ocidente.

Muitas vezes é evidente que na Eurásia há um ator externo que faz tudo o que pode para promover a instabilidade e evitar a ascensão de blocos soberanos e regionalmente hegemônicos. Esta tarefa é facilitada porque a "Eurásia" não representa uma unidade absoluta; mas tem claras subdivisões. Uma delas, a Europa, é uma mera península da Ásia, um continente patéticamente balcanizado e dividido, semeado de nacionalismos, identidades, encargos culturais e velhas rivalidades absurdas que já esgotaram o valioso poço genético de povos outrora fortes e promissores. Trata-se de uma terra repleta de quebra-mares geográficos, barricadas e fronteiras naturais contra as vastas planícies, estepes e mesetas da Ásia - o continente do grande vazio, da terra pura, dos grandes espaços, e dos horizontes e poderes políticos. Historicamente, a Europa é a Grecia contra o Império Persa, os bosques e as montanhas contra a estepe e o deserto, o Yang contra o Yin.

Um dia nosso continente vai ter que escolher a "versão" da Ásia com que quer relacionar-se, já que, como declarava Mackinder na citação acima, a Europa não pode fugir para o Leste. E há vários interlocutores que gostariam de erigir-se em intermediários entre o Grande Oriente e o Grande Ocidente:

- **O islamismo radical Jihadista** da corrente sunita-wahhabita-salafista. Esta vigorosa corrente social pretende dominar o Oriente Médio, Norte da África, Mediterrâneo, Europa, partes da Índia e China e boa parte do Sudeste Asiático, é cultivada e mimada cuidadosamente pelos serviços de inteligência do eixo atlantista, pelas petro-ditaduras árabes do Golfo Pérsico, pelas casas reais (incluindo a espanhola) e pelos serviços sociais dos países da União Europeia. Na Europa, os governos, multinacionais e instituições bancárias parecem estar muito interessados em que a alta natalidade muçulmana (assim como de todas as etnias não-europeias) não sofra restrições, gerando grande quantidade de lumpem social e fazendo com que a influência do fundamentalismo islâmico se projete agressivamente pelo interior de nosso continente, enquanto que a demografia do substrato étnico europeu autóctone se deteriora num ritmo perigoso para nossa sobrevivência. Com o objetivo de financiar a substituição étnica das raças brancas pelas raças escuras, os governos da UE subsidiam (com os impostos dos trabalhadores europeus-étnicos, claramente discriminados no acesso às ajudas sociais) as famílias étnicamente não-europeias - especialmente magrebinas, mas também subsaarianas, ciganas e andinas. A expansão do islamismo radical no Oriente Médio significaria que

aquela região se tornaria intratável, separando a Europa da Ásia Oriental e obrigando-a à aliar-se ao mundo atlântico como na época do Império Otomano.

• **O Estado de Israel** se anuncia como um oásis de civilização, democracia e liberdade, um muro de contenção diante da barbárie jihadista, uma frente aberta no mundo árabe, próximo do petróleo saudita e do gás natural qatariense, a única democracia e a única alternativa possível ao islamismo radical no Oriente Médio. Aqui podemos incluir os aliados regionais de Israel, como Jordânia, Turquia, Marrocos, Albânia ou a província sérvia de Kosovo, ocupada pelos terroristas da UÇK albanokosovar, sustentada pela Turquia, Estados Unidos e Reino Unido. A estratégia israelense, apoiada geralmente pela Angloesfera (EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e diversos aliados circunstanciais) parece polarizar o Ocidente entre Islã e anti-Islã, para envenenar para sempre as relações entre o Grande Ocidente e o Grande Oriente, e para erguer-se no único interlocutor válido para o petróleo e gás natural necessário à Europa. Vale a pena recordar que "a primeira linha de defesa da Europa anti-islã" não é Israel, mas as Ilhas Canárias, Ceuta, Melilla, Kosovo, Chechênia, Trácia turca e zonas de *non-droit* (terceiro-mundistas e/ou islamizadas) da União Europeia.

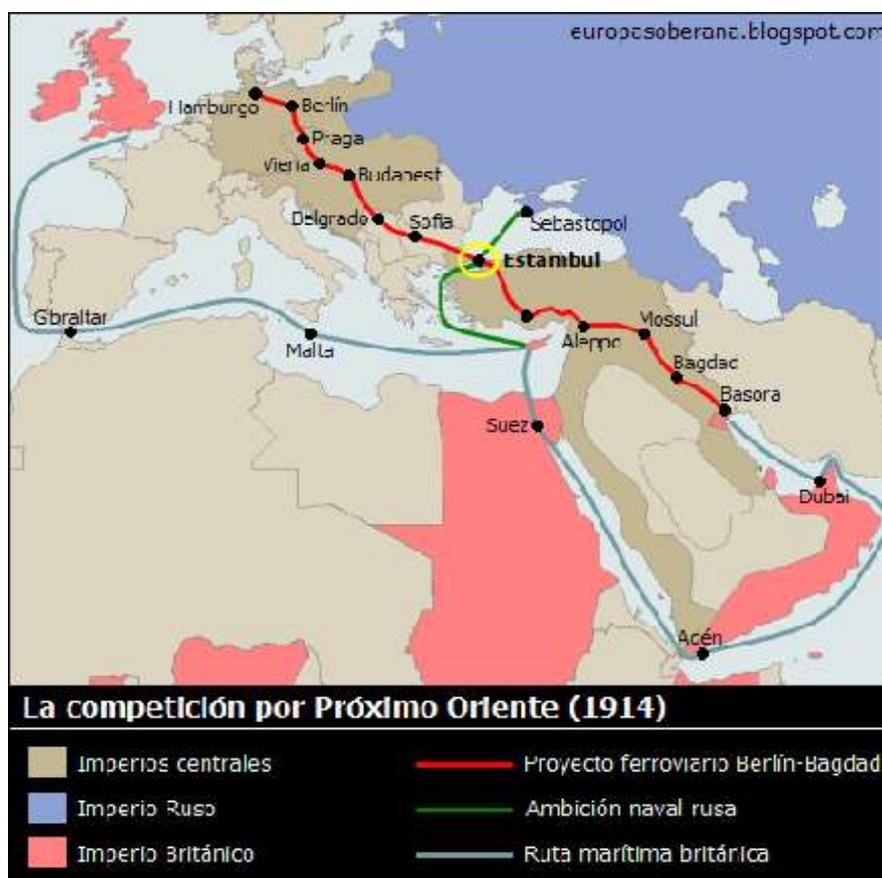
• **A Federação Russa** é o único projeto que representa verdadeiramente a penetração da influência europeia no núcleo duro da Ásia. Podemos incluir nos aliados regionais da Rússia, a Síria, Líbano, Armênia, Irã, o xiísmo em geral, as correntes pan-árabes, baathistas e nacionalistas laicas do mundo árabe e as importantes minorias cristãs do Oriente Médio (coptas no Egito, caldeus no Iraque, maronitas e ortodoxos no Líbano e Síria, armênios no Irã e Síria, etc.), que são mais antigas que as comunidades muçulmanas.

Como vimos anteriormente, as relações entre Europa e Ásia se condensam em torno da Rota da Seda, uma malha de vias naturais que coincide, grosso modo, com os caminhos tomados pelas linhagens genéticas paternas R1a e R1b para entrar na Europa há muitos milênios - talvez se trate de um caminho que a Europa deva desandar simbolicamente para reencontrar-se a si mesma. Durante boa parte de sua história, a Rota da Seda esteve dominada por meios de transporte como camelo, cavalo, carroças e caravanas militarizadas. Essa forma de vida cristalizou-se na formação de hordas e tropas altamente móveis (persas, hunos, mongóis, turcomanos, tártaros, etc.), que varriam toda a Eurásia repentina e periodicamente para horror dos países situados nas margens marítimas do continente.

Ao final do Século XIX e princípios do XX, as caravanas foram substituídas por trens; e o que horrorizava aos geoestrategistas britânicos era que toda a Eurásia pudesse se auto-vertebrar a partir de uma densa rede de ferrovias, fermentando um vasto espaço econômico que atrairia aos mercados chinês e hindu para um centro de gravidade totalmente inacessível ao poder marítimo, inutilizando a imensa frota comercial e militar da Grã-Bretanha e estabelecendo uma versão ferroviária da Rota da Seda. Tanto a ferrovia Trans-Siberiana como a pretendida via Berlim-Bagdá (especialmente a construção do trecho sírio deste percurso) foram motivo de peso no desencadear da I Guerra Mundial e da revolução bolchevique de 1917.

A Rússia estava a ponto de fermentar um espaço econômico de extraordinário potencial na Sibéria-Kazaquistão-Mongólia (com ambições na Manchúria, Mongólia Interior, Turquestão chinês, Tibete, Pérsia e Ásia Central em geral), e o mesmo estavam fazendo Alemanha e Áustria-Hungria na Europa do Leste e Oriente Médio. Confrontar a superpotência continental germana com a superpotência continental eslava foi uma obra-

prima da diplomacia do verdadeiro inimigo do continente: o Reino Unido, ou melhor, a internacional financeira e plutocrática.

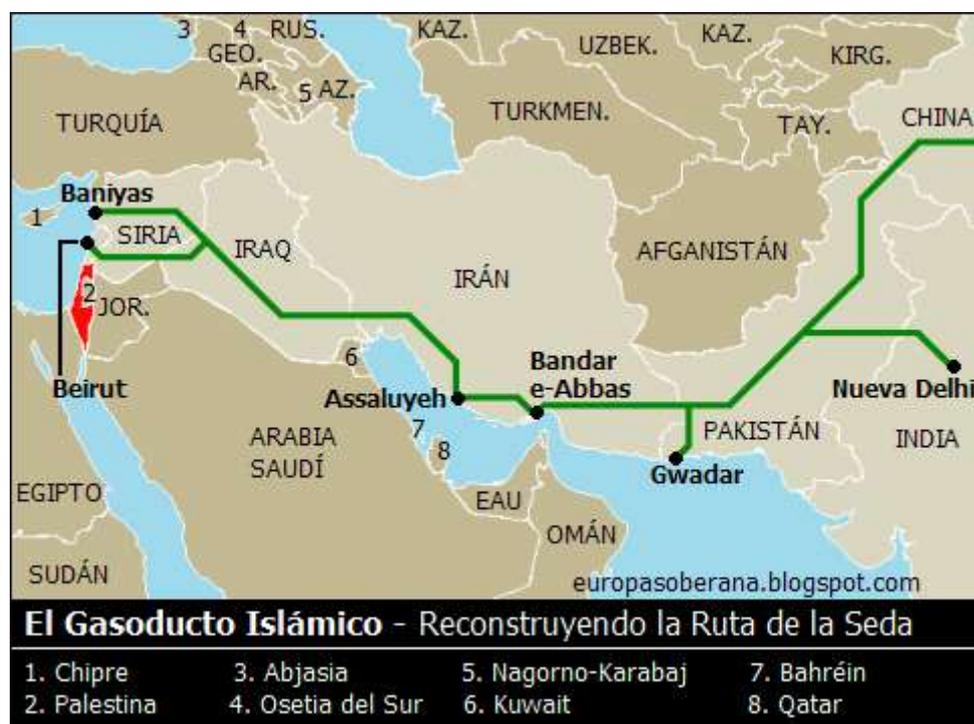


O presidente estadunidense Wilson descrevia a estratégia alemã como "lançar um amplo cinturão de poder militar alemão e controle político através do mesmo centro da Europa e mais além do Mediterrâneo, para o coração da Ásia". O traçado da via férrea Berlim-Bagdá rompia o *Rimland*, coincidia em boa parte com a rota tomada pelos príncipes europeus para chegar à Terra Santa durante a Primeira Cruzada e, de certo modo, desandava o caminho empreendido no Neolítico danubiano para entrar na Europa. O verdadeiro objetivo da via férrea Berlim-Bagdá era conectar o porto alemão de Hamburgo (Mar do Norte) ao porto iraquiano de Baçorá (depois parte do Império Otomano), no Golfo Pérsico, às portas das possessões britânicas e de outro país germanófilo perigoso: a Pérsia. Esta rota teria sido muito mais curta, rápida e segura que a britânica, e por isso, entrava no mortal conflito com o Reino Unido. A Rússia também buscava sair pelo Mediterrâneo, rodear a Turquia e conectar-se com a Sérvia, Grécia, Chipre e Síria. Os projetos alemão e russo entravam em conflito em Istambul e, em menor medida, no Chipre e Síria. Para evitar que Istambul caísse sob o controle de uma superpotência eurasiática (que poderia utilizar o Mar Negro para fermentar uma vasta frota e lançar campanhas de guerra submarina contra o Levante e o canal de Suez), o geoestrategista britânico Mackinder sugeria "internacionalizá-la" de alguma maneira após a I Guerra Mundial. Podemos imaginar a bestial influência que teria tido sobre a história do mundo um controle alemão do Golfo Pérsico e seus recursos energéticos, ou uma guerra entre Alemanha e Grã-Bretanha nos atuais Kuwait, Iraque e Irã. Assim, Bagdá era chave para o Império Britânico e seus muiros agentes (como a família Sassoon), importantíssimos na expansão do poder britânico na Ásia Oriental.

Depois do fim da Guerra Fria, o Grande Oriente e o Grande Ocidente voltaram a interagir timidamente, apesar da desestabilização causada pela queda da URSS. As primeiras tentativas de interação (Iraque e Iugoslávia) são sufocados duramente por Londres e Washington, enquanto a Rússia, plenamente imersa no caos da era Yeltsin, estava demasiadamente fraca para reagir. Com a lenta reconstrução do poderio russo a partir de 1999, o fantasma da Rota da Seda voltou, desta vez sob a forma de oleodutos e gasodutos, que tendem a normalizar as relações entre os países, e que costumam

anunciar a abertura de estradas, ferrovias, tratados comerciais, alianças militares e a constituição de espaços econômicos e blocos geopolíticos. Hoje, o pânico das potências marítimas tem a ver com estes corredores que canalizam os abundantes recursos energéticos de certas regiões através de vias frequentemente muito distantes do mar, e não somente na Rússia, mas também em torno da China. Tanto os Estados Unidos quanto o Reino Unido e Israel contrariam esta "ameaça" semeando instabilidade territorial e fomentando grupos terroristas (como fazem agora mesmo na Síria) para romper as ligações estratégicas da grande cadeia eurasiática, e criando seus próprios oleodutos e gasodutos, que fluem invariavelmente nos estados e/ou espaços marítimos controlados por eles, circundando expressamente a seus rivais geopolíticos.

Neste contexto, vale a pena nos atermos ao Gasoduto Islâmico, um herético projeto iraniano que o eixo Londres-Washington-Tel Aviv quer sabotar custe o que custar:



O Gasoduto Islâmico atuaria como aglutinador de um novo império persa que conectaria a Europa com a Índia e a China, o Golfo Pérsico com o Cáspio e o Mediterrâneo, o Heartland continental com os portos do Sul eurasiático e o espaço turcomano e ex-soviético com o mundo árabe. O fato de que o gasoduto desemboque na costa síria, ao lado das bases militares russas, e que esteja gerenciado pelo gigante estatal gaseiro russo **Gazprom**, significa que a Rússia dominaria todo este mercado e que o insipiente império persa-xiíta, intermediário entre Ocidente e Oriente, seria "russificado", obtendo Moscou sua ansiada saída à mares quentes (Mediterrâneo, Golfo Pérsico e Índico) e, se adicionado o gasoduto *South Stream*, recriando a história dos impérios macedônio e bizantino. Concluído o Gasoduto Islâmico, os grandes perdedores regionais seriam Qatar, Arábia Saudita, Israel, Turquia e Jordânia. Em seu trecho desde o Golfo Pérsico até o Mediterrâneo, o gasoduto transportaria 110 milhões de metros cúbicos de gás, dos quais 25% seriam consumidos pelos países de trânsito e o resto pela Europa. Bandar Abbas, cidade costeira iraniana que ocupa uma estratégica posição no centro do gasoduto e presidindo o estreito de Ormuz, é um enclave com importante presença tanto russa como chinesa.

Antes de poder concluir esta série de artigos, é necessário repassar outros importantes Estados do Índico, da Rota das Especiarias e do Colar de Pérolas chinês, sem os quais não se pode entender o verdadeiro Grande Jogo em curso.

CAMBOJA

As montanhas de crânios de reprimidos da era de Pol Pot e o khmer vermelho demonstram que muitas coisas desagradáveis tiveram que ocorrer para que hoje o Camboja represente uma pérola do colar chinês ou para que possamos comprar um agasalho Adidas *made in Cambodia* produzido por mão de obra semiescrava lotada em *sweatshops* (fábricas insalubres).

O Camboja se encontra numa encruzilhada na qual nasceu um grande reino medieval, o Império Khmer, que desde o centro religioso do Angkor dominou a maior parte da Península Indochinesa, encruzilhada de três espaços marítimos distintos: o Mar de Andamão (parte do Golfo de Bengala, por sua vez, parte do Índico), o Golfo da Tailândia e o Mar do Sul da China. O antigo Estado cambojano era, portanto, uma alternativa terrestre à rota marítima do estreito de Málaca (atual Cingapura).

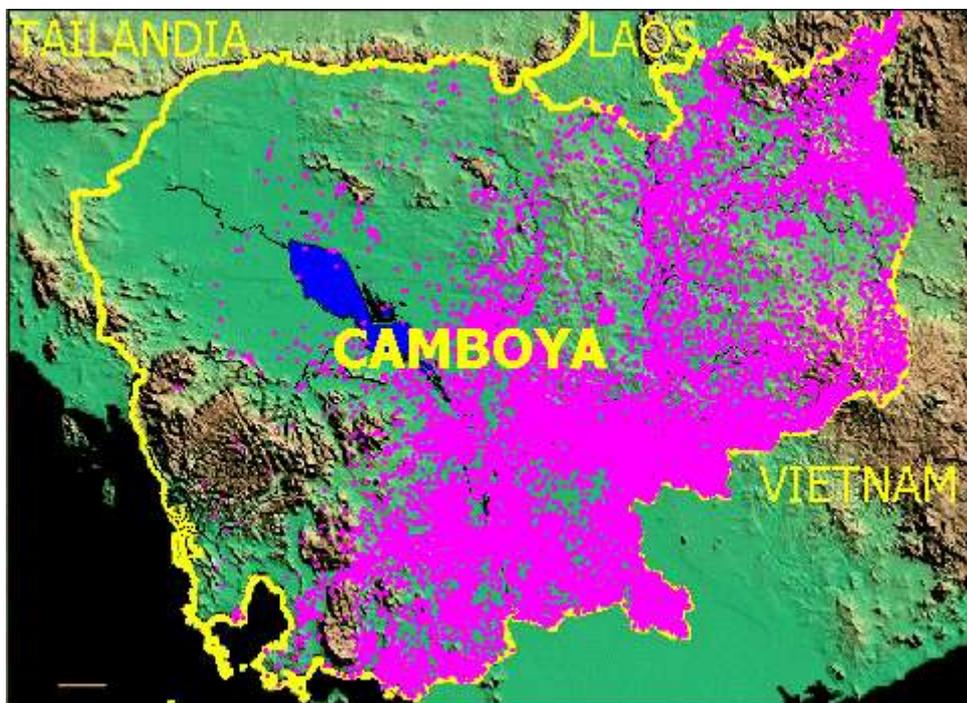
Durante a era colonial, o Sudeste Asiático foi a etapa na qual coincidiram várias superpotências: China, França e Reino Unido. Na II Guerra Mundial, o Japão penetrou na região de maneira incrivelmente violenta. Os japoneses permitiram em 1941 que o governo colonial da França de Vichy (aliada da Alemanha) conservasse o controle da região, e os franceses inclusive permitiram que as tropas japonesas cruzassem a Indochina Francesa e esquarterassem 25.000 homens no Vietnã do Norte. Em março de 1945, depois da derrota da França de Vichy, os japoneses tomaram brevemente o controle da Indochina, estabeleceram um estado fantoche no Camboja, desarmaram as forças francesas e puseram fim à romanização do idioma khmer, revertendo sua escritura aos caracteres tradicionais. A França já em mãos dos aliados, retomaria o controle em outubro do mesmo ano, mas sua influência não seria a mesma e o idioma khmer não voltaria a ser escrito em caracteres romanos.

O Camboja pertenceu à França até que obteve, junto com o resto da Indochina Francesa, sua independência em 1954, em boa parte graças ao Viêt Minh - uma guerrilha comunista que, liderada por Ho Chi Minh, havia sido apoiada por Washington para lutar contra os japoneses durante a II Guerra Mundial. Mais adiante, o Viêt Minh se converteria no Vietcong, em uma história que teria paralelo com o movimento mujahideen transmutado em movimento talibã.

Mesmo depois de 1954, a ex-Indochina Francesa continuou formando parte do quintal geopolítico da França até que em 1966 a escalada do intervencionismo estadunidense na região (estabelecimento do governo fantoche de Lon Nol no Vietnã, recrutamento de meio milhão de cambojanos para lutar contra o Vietnã do Norte) marcou o principio do fim do poder de Paris na zona. A interveção de Washington no antigo império francês nunca foi do agrado do ditador De Gaulle, que nesse mesmo ano de 1966 saiu da OTAN, deixou de fazer testes atômicos no deserto da Argélia para fazê-los na Polinésia francesa, sem dúvida em parte como uma advertência à Washington: a República Francesa era uma força a ser contida na região da Ásia-Pacífico. Cada vez mais, os interesses da França coincidiam com os da URSS: lutar contra a influência estadunidense e chinesa na região. Franco, em virtude de sua afinidade pela França Gaullista, se negou a intervir militarmente no Vietnã.

Em 1969, o presidente Nixon e seu geoestrategista Henry Kissinger fizeram entrar a Força Aérea dos EUA no espaço aéreo da região... sem a aprovação do Congresso. Nos quatro anos seguintes, a USAF lançou 280.000 bombas sobre o Camboja - o equivalente a 25 Hiroshimas. No total, os EUA lançaram mais toneladas de explosivos sobre o Camboja que durante toda a Guerra de Coreia ou em todas as operações do Teatro do Pacífico (incluindo o Japão conflagrado por duas bombas atômicas) durante a II Guerra Mundial. Oficialmente, o objetivo era atacar bases de fornecimento do Vietnã do Norte, mas em realidade os bombardeios tiveram o efeito de neutralizar o Camboja como

Estado: morreram 750.000 cambojanos e 75% do gado do país, foram destruídas 40% das estradas e 30% das pontes (algo particularmente grave num país tão fluvial, onde a destruição de pontes o converteu num arquipélago de fato), e o insipiente setor industrial cambojiano foi estrangulado em seu berço. As culturas de arroz degeneraram e uma catastrófica fome, seguida de enfermidades, se apoderou do pequeno país.



Bombardeios estadunidenses no Camboja. No total, 113.716 lugares foram bombardeados pela USAF. As munições não-explodidas (UXOs) seguem sendo um perigo no Camboja atual. A franja bombardeada sugere que se pretendia criar uma "zona morta" estéril na fronteira Leste do país para evitar a expansão da influência vietnamita (assim, soviética) no Camboja e Tailândia. A ditadura de Pol Pot não foi mais que uma extensão política e econômica desta estratégia militar estadunidense, que seguramente poupou outros milhões de dólares em bombas. As mesmas fronteiras estatais da Indochina parecem minuciosamente traçadas para promover a balcanização territorial e especialmente dividir o curso do rio Mekong, que vem a ser uma saída natural da China.

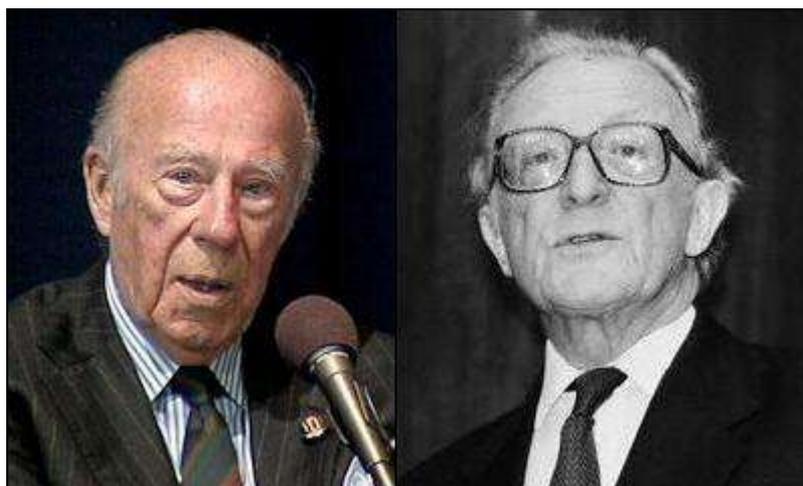
Raramente nos é dada uma interpretação clara acerca dos acontecimentos que rodearam o ascenso ao poder de Saloth Sar (conhecido como Pol Pot) em Camboja. Quando os EUA se retiraram do Vietnã em 1975, o país começou a cair sob a influência da URSS. Saía da sombra no Camboja uma estranha guerrilha comunista, o *Khmer Rouge* (o khmer vermelho), que era virulentamente anti-vietnamita. Pol Pot, o obscuro chefe do movimento, era claramente um agente do exterior cujo interesse era neutralizar o Camboja como Estado forte, convertendo-o num buraco negro geopolítico e quintal da Tailândia - por sua vez, quintal dos EUA. Pol Pot parecia simplesmente ser o continuador da política seguida pelos bombardeios estadunidenses de 1973. Sob suas instruções, o Camboja desmantelou todo seu potencial industrial, suas cidades, vias de comunicação, rede elétrica, e aniquilou a intelligentsia (especialmente francófona) do país (bastava ter óculos ou saber falar francês para ser detido e executado), realizou massacres de católicos, torturou e assassinou homens, mulheres e crianças sem distinção e exterminou, direta ou indiretamente, a um terço do povo cambojiano em apenas quatro anos de terrorismo de estado. O doentio governo de Pol Pot foi deposto em 1979 pelo exército vietnamita, cansado de lidar com incursões polpotistas em seu território, e os khmers vermelhos escaparam para as selvas do Oeste.



O resultado das execuções políticas, torturas, trabalho forçado, enfermidades, fanatismo e fome da era dos khmers vermelhos: entre 2 e 3 milhões de mortos em apenas quatro anos. Nota-se na foto acima o fuzil de assalto estadunidense M-16, procedente da época na qual Washington utilizava cambojanos conscritos para lutar contra o Vietnã do Norte. Muitos khmers vermelhos eram adolescentes, embrutecidos depois de uma vida inteira de guerra e facilmente manipulados pela cúpula polpotista. O genocídio cambojano nunca ecoará em Hollywood.

Contudo, a pesadela khmer não acabou aqui. Em 1980, os Estados Unidos estavam financiando em segredo os khmers vermelhos na fronteira da Tailândia. A magnitude destas ajudas (no mínimo de 85 milhões de dólares entre 1980 e 1986) foi conhecido graças à correspondência entre Jonathan Winer, advogado do Congresso dos EUA, e o *Vietnam Veterans of America Foundation*, assim como ao jornalista australiano John Pilger. Washington também apoiou aos khmers vermelhos nas Nações Unidas: embora o governo de Pol Pot tivesse sido deposto em 1979, graças à ajuda estadunidense, seus representantes continuaram ocupando o assento da Camboja na ONU. Os EUA inclusive pressionaram para que a "comunidade internacional" reconhecesse os khmers (que dominavam 10% do território e da população do Camboja) como refugiados, contrariando uma convenção da ONU segundo a qual os suspeitos de crimes contra a humanidade não podem gozar de tal status. Washington mandou funcionários de alto cargo da CIA para apoiar a Pol Pot na selva, cedendo-lhes ao menos 5 milhões de dólares anuais. Outros países que apoiaram a presença dos khmers

vermelhos na ONU foram China, Reino Unido (cujas forças especiais SAS, visivelmente enojadas, haviam treinado durante anos os khmers vermelhos em sabotagem, implantação de minas e sobrevivência na selva), Austrália e países da **ASEAN** (Cingapura, Indonésia, Malásia, Filipinas e Tailândia - a partir de 1984, também o petro-sultanato de Brunei, colônia britânica até então) e a Comunidade Econômica Europeia, por sua vez, pressionada pela OTAN. O delegado britânico, Lord Peter Carrington [1], secretário de Estado de Thatcher, chegou a declarar que Londres apoiava o Pol Pot como governante legítimo do "povo khmer". Em julho de 1985, George Shultz, Secretário de Estado de Washington, pediu apoio para os contínuos ataques dos khmers Vermelhos no Camboja.



Dois dos muitos responsáveis diretos do que se sucedeu no Camboja sob Pol Pot. À esquerda: George Shultz, Secretário de Estado do presidente Nixon. À direita: Lord Carrington, Secretário Geral da OTAN e ocupante de vários cargos políticos relacionados à política exterior do Reino Unido entre os anos 60 e 80.

Os EUA também criaram o KEG (Grupo de Emergência Kampuchea) na embaixada estadunidense de Bangkok para distribuir ajuda humanitária nos campos de refugiados da fronteira tailandesa, controlados ferreamente pelos khmers. O KEG, oficialmente uma organização humanitária, era na realidade uma cobertura para um projeto do Departamento de Estado dos EUA cujos diretores eram oficiais da CIA com anos de experiência no Sudeste Asiático. Através do *World Food Program* e do exército tailandês, os khmers receberam 12 milhões de dólares em comida, beneficiando entre 20.000 e 40.000 guerrilheiros segundo Richard Holbrooke, acessor do Secretário de Estado para a Ásia. Os trabalhadores humanitários Linda Mason e Roger Brown, escreveram depois que "O Governo dos EUA insistiu que os khmers vermelhos fossem alimentados".

Em 1981, o geoestrategista Zbigniew Brzezinski, assessor de Segurança Nacional do presidente Carter, declarou "Eu incentivei os chineses que apoiassem o Pol Pot. Pol Pot era uma abominação, nós nunca poderíamos apoiá-lo, mas os chineses sim". Os EUA acrescentaram, havia "piscado um olho publicamente" enquanto a China e Tailândia mandavam armas aos khmers vermelhos.

Reveladoramente, Pol Pot havia estudado na Universidade de Sorbonne, em Paris, onde era forte a infiltração de movimentos trotskistas e maoístas financiados desde Washington e que não tinham absolutamente nada a ver com o Kremlin. Esses movimentos, dirigidos contra a ditadura De Gaulle na França - hostil aos EUA -, desencandearam o Maio de 68, e a religião do progressismo, do multiculturalismo, do feminismo e da "correção política".

Depois da expulsão dos khmers em 79, Phnom Penh estava sob o controle de um regime pró-vietnamita. O exército vietnamita havia encurralado os terroristas na selva, impedindo o regresso do Pol Pot. Mas a ONU, reconhecendo hipocritamente aos khmers como únicos governantes legítimos e rejeitando ao novo regime pró-vietnamita (portanto pró-soviético), decretou sem precedentes um isolamento total do Camboja. O novo Camboja "deskhmerizado" foi excluído de todos os acordos de comércio internacional, bloqueiou-se a ajuda humanitária, proibiu-se que a UNICEF e a Cruz Vermelha entrassem no país, e nos EUA chegaram a negar permissões para mandar brinquedos e livros ao Camboja. Nenhum Estado, mesmo a Coreia do Norte, foi tão claramente excluído das ajudas humanitárias da ONU em toda a história como foi o Camboja. O único país que protestou na ONU por este estado de coisas foi a URSS, que possuía duas importantes bases militares no Vietnã (Da Nang e Cam Ranh) e que mantinha as operações vietnamitas no Camboja. Hanói, por sua parte, estava disposto a retirar-se do Camboja... em troca de que China e OTAN deixassem de apoiar à Pol Pot e de que a Tailândia deixasse de proporcionar santuários aos khmers vermelhos [2]. O Vietnã foi condenado pela "comunidade internacional" e até sofreu uma invasão chinesa de castigo. Desde as selvas, os khmers seguiriam organizando incursões nas quais desestabilizavam o território e roubavam grandes quantidades de madeira para vendê-las ao estrangeiro. Segundo o presidente chinês Deng Xiaoping, a estratégia era "sangrar o Vietnã".

Sem dúvida, Washington queria cultivar o Camboja como uma espécie de estéril Coreia do Norte no Sudeste Asiático, um buraco negro geopolítico cujo fim era interromper o fluxo natural de influências e mercadorias, evitar que o poder da URSS se expandisse além da conta, atazanando potencialmente tanto a China quanto Cingapura, colidindo com a Tailândia (esfera de influência estadunidense) e controlando certos ramos secundários da Rota da Seda que seriam vitais para as exportações chinesas nas décadas posteriores. Os EUA não só não se incomodavam em absoluto com a ditadura de Pol Pot - que era anti-soviética, anti-vietnamita e pró-chinesa -, como esta em verdade lhe conveio.

O Camboja repetiu, portanto, o macabro espetáculo que já havia ocorrido com os bolcheviques na Rússia, as milícias da Frente Popular e as "brigadas internacionais" na Espanha, os maoístas na China, os mujahideens no Afeganistão, os "contras" na Nicarágua, os tigres tâmeis no Sri Lanka, a UÇK em Kosovo ou com os grupos narcos latino-americanos de hoje, o movimento budista rakhine na Birmânia e a Al-Qaeda e outros grupos do "jihadismo salafista internacional" no mundo muçulmano: o financiamento, a lavagem cerebral e o apoio ativo a um reduzido, porém, violento e fanático grupo de criminosos para desestabilizar um Estado e fazer o trabalho sujo do eixo Londres-Washington-Tel Aviv - ou, o que dá no mesmo, o serviço da Banca Internacional. Pol Pot se converteu em mais de um longo rosário de ditadores sanguinários apoiados pelos Estados Unidos, desde Suharto na Indonésia até Mobutu no Zaire, junto com um rastro de tiranos latino-americanos... muitos deles graduados na *US Army School of the Americas*.



Verdugos do Camboja apoiados tanto pelos EUA quanto pela China. À esquerda: Pol Pot. À direita: Kang Kek, diretor de várias prisões, incluindo a famosa S-21, onde se interrogava e executava os inimigos do regime.

A ajuda do atlantismo à Pol Pot não se limitou a alimentar e treinar suas tropas ou proporcionar imunidade diplomática a seus delegados ao longo dos anos 80. Em 1991 - enquanto a URSS se desintegrava, os EUA atacavam o Iraque de Saddam Hussein - Washington e a Subcomissão de Direitos Humanos da ONU, como parte do "esforço de paz" no Camboja, garantiram aos khmeres vermelhos que não seriam julgados por seus crimes. Objetivo: favorecer uma "transição" pacífica. Os diplomatas da ONU, EUA e Austrália se escudavam na suposta força do Khmer para incluí-lo nos planos do futuro Camboja: não podemos deixar de fora dos acordos um grupo armado de 40.000 homens ou o conflito se prolongará, afirmavam. Com o acordo de paz de Paris de 1991, as tropas vietnamitas se retiraram do país, e aos khmeres se permitiu voltar à Phnom Phen e até se lhes concedeu de um quarto a um terço da extensão rural do Camboja.

A União Soviética, em pleno processo de dissolução, não estava em condições de intervir. Em troca destas concessões, os khmeres aceitaram não participar das eleições: agora, de repente, para a imprensa internacional e para os diplomáticos atlantistas, os khmers estavam "acabados". Entretanto, se converteram em um dos grupos terroristas mais ricos do mundo, vendendo grandes extensões das selvas e depósitos de pedras preciosas do Camboja ao governo tailandês, assim como estabelecendo quatro grandes bases na Tailândia... protegidas por soldados tailandeses. O Camboja se abriu aos "investidores internacionais" como plataforma de mão de obra barata e o dinheiro estrangeiro começou a fluir e a esparramar-se pelo país, embora só uma reduzida oligarquia local, frequentemente ex-khmer, tenha se beneficiado dele.

A sempre difusa "comunidade internacional" pôs à frente do país Hun Sen, um antigo comandante khmer renegado, acusado pela Anistia Internacional de assassinar e torturar milhares de prisioneiros com descargas elétricas, ferros quentes e sacos de plástico. Sob a liderança de Hun Sen, ditador de fato, o Camboja está sendo efetivamente convertida em uma província do Globalistão. Aproximadamente a metade do país (incluindo as terras ao redor do antigo complexo arqueológico de Angkor Wat, as costas arenosas, os edifícios coloniais de Phnom Phen e as ilhas do sudoeste) havia sido vendida aos investidores estrangeiros, deslocando 700.000 pessoas de suas casas e obrigando-as a converterem-se em proletários neo-escravos das multinacionais globalistas. O neoliberalismo extremista do Partido do Povo Cambojiano (CPP por sua

sigla inglesa) permite que se formem companhias 100% estrangeiras para a aquisição de terras cambojanas sem maiores exigências, algo que não sucede nem mesmo em paraísos escravistas como Tailândia ou Vietnã, onde os estrangeiros só podem ser acionistas minoritários na especulação de terras. As terras haviam passado das mãos de pequenos agricultores aos grandes agronegociantes tailandeses, estadunidenses e britânicos. O Camboja inteiro está sendo privatizado sob a supervisão do Banco Mundial, e aqueles que se opuseram haviam foram encarcerados, assassinados e/ou tiveram suas casas queimadas. Esta campanha de saqueio não foi condenada nem pelos EUA, nem pela China, nem pelos países da ASEAN.



Finalmente, EUA e China têm no Camboja um quintal ao qual podem roubar impunemente. Obama e Hu Jintao apertam as mãos do ditador cambojano Hun Sen.

A China, antiga inimiga do Camboja, também havia entrado fortemente no país. Além de construir infraestruturas de transporte, obviamente orientadas a melhorar o fluxo do comércio chinês, Beijing havia incorporado o Camboja a seu Colar de Perólas. As localidades escolhidas foram as ilhas Kampong Som e o parque nacional de Ream, na província de Sihanoukville. Nestes lugares, a China inverteu grandes quantidades de capital para melhorar o acesso a portos e empregar o atrativo da biodiversidade para empreender a construção de infraestruturas turísticas. Provavelmente, Beijing abriga a esperança de que Sihanoukville se converta em uma estação intermediária entre o Mar do Sul da China e o estratégico istmo de Kra e/ou o projeto birmano de Dawei, que veremos mais abaixo.

Pol Pot foi detido em 1997 e morreu no ano seguinte em sua frouxa punição de prisão domiciliar. Hoje, os meios de comunicação tem o prazer em apresentar-nos o tirano

como um monstro - o qual é certo, mas também incompleto, já que Pol Pot era um agente atlantista. Ao nos obcecarmos com ele, esquecemos dos verdadeiros monstros: seus promotores em Washington, Londres, Hong Kong, Beijing, Cingapura, Camberra, Brunei, Bangkok, Bona, Estocolmo e outros centros do poder globalista de então.

TAILÂNDIA E O PESCOÇO DO DIABO: O ISTMO DE KRA

Costuma-se dizer que no Globalistão definido pouco a pouco por golpes, guerras, atentados terroristas e engenharia social, há macro-regiões especializadas por setores econômicos. O Ocidente representaria o mundo consumidor, o Terceiro Mundo a fonte de matérias primas, a Ásia Oriental (ou Lestásia) o setor industrial, etc. Se é assim, então sem dúvida o antigo reino budista de Siam corresponde ser o bordel do mundo e o paraíso de todas as tendências sexuais bordeando a legalidade.

Durante a época colonial, a Tailândia ("Sião") foi, junto de Etiópia e Pérsia, dos poucos países não ocidentais que conservaram sua soberania sob uma monarquia tradicional. Provavelmente, tanto os ingleses (desde a Birmânia) quanto os franceses (desde a Indochina) consideraram oportuno não anexar a Tailândia a seus respectivos domínios para usá-la de Estado-amortecedor (Estado-tampão) que aliviasse a tensão entre Reino Unido e França na região, impedindo um conflito armado.

Em 1941, o primeiro ministro da Tailândia Plaek Pibulsonggram (formado militarmente na França e mais conhecido como Phibun) permitiu que os japoneses transitassem por seu território para alcançar os domínios britânicos na Birmânia e Malásia, chegando ao Índico e aproximando-se perigosamente de Cingapura e do estreito de Málaca. A Tailândia firmou um tratado militar por meio de protocolo secreto, em virtude do qual o Japão ajudaria a recuperar territórios perdidos aos franceses (no Camboja) e aos ingleses (na Malásia e Birmânia). Em 1942, a Tailândia entrou na II Guerra Mundial do lado japonês e nesse mesmo ano Cingapura foi tomada pelo Imperio Japonês. Winston Churchill qualificou o evento como "o pior desastre e a maior capitulação na história britânica". Em 1945, depois da derrota do Japão, entraram na Tailândia soldados britânicos e hindus para assegurar o controle da região.

Durante a época da Guerra do Vietnã, o capital e a influência estadunidenses entraram na Tailândia produzindo uma modernização do país e dissolvendo pouco a pouco seu modo de vida tradicional. Em poucas décadas, se consumou o que na Europa havia tardado séculos e milênios. O mundo urbano cresceu exponencialmente as custas da dissolução do mundo rural e a capital Bangkok multiplicou sua população várias vezes. Desde então, a Tailândia passou por uma vertiginosa sucessão de distúrbios, golpes de Estado e mudanças políticas patrocinadas pelo estrangeiro, incluindo a repressão por parte do exército de um movimento estudantil em 1973 e uma "revolução espontânea" (dos "camisas vermelhas") em 2010 - infiltrada por franco-atiradores como *agents provocateurs* -, esta em plena sintonia com as "revoluções de cores" orquestradas por Washington em toda a Eurásia.

A tendência de Bangkok nos últimos anos era inclinar-se lentamente para a China, algo lógico tendo em conta a proximidade geográfica e que a Tailândia pertence à órbita da Lestásia - embora suas relações com Índia e Irã também sejam fortes. Em janeiro de 2012, a Tailândia reconheceu a Palestina como Estado independente. Ainda, Bangkok segue sendo vítima da relação amor e ódio entre Washington e Beijing, segue oferecendo sua população como mão de obra barata para as multinacionais ocidentais e, quanto à China, seu principal interesse no país é "cortar o Pescoço do Diabo".

O "Pescoço do Diabo" é o nome local do **istmo de Kra**, que separa a Península Malásia (incluindo Cingapura) do resto da Indochina, bem como o Oceano Índico do ultra-

estratégico e geopoliticamente tenso Mar do Sul da China, denominado pelos estrategistas do Pentágono como um dos *battle-boxes* da China.

Como vimos anteriormente, a China (e também Japão, Coreia do Sul e Taiwan) depende desesperadamente do Estreito de Málaca, especialmente no que diz respeito a suas importações petrolíferas. O estreito é, desde a época da Rota das Especiarias, um *chokepoint* (ponto de passo obrigatório) para o tráfego comercial marítimo, pelo qual a princípios do século XIX caiu em mãos da Companhia Britânica das Índias Orientais. Cingapura se conectou rapidamente com outros enclaves comerciais britânicos no Sul da África, Egito, Golfo Pérsico, Iêmen, Índia, Hong Kong e Xangai. Organizado pela família Sassoon, o ópio fluíu as toneladas para os portos chineses causando instabilidade social e sangrentas guerras. Em 1897, o Império Britânico e a monarquia siamesa chegaram a um acordo para não construir um canal na Tailândia, a fim de proteger a posição dominante de Cingapura. Hoje, Cingapura segue sendo um enclave comercial britânico de fato, um centro de inteligência e um dos mais importantes centros financeiros do mundo, mas seu status depende da intensidade do tráfego comercial chinês que passa pelo estreito de Málaca.



Imagens do porto de Cingapura nos fornecem uma ideia da importância deste estranho enclave. A cidade-estado de Cingapura é um dos elos da antiga cadeia de influência do Império Britânico na Ásia. Exercendo contato entre o Índico e o Pacífico em um estreito funil que canalizava todo o tráfego comercial, Cingapura caiu nas mãos dos ingleses e, em 1845, se estabeleceu ali a primeira loja maçônica. Desde Cingapura, se estreitaram laços com Hong Kong e Xangai. Os Sassoon, uma família de judeus baghdadies, inundaram a China de ópio através de Cingapura, com a ajuda da Companhia Britânica das Índias Orientais. O edifício do centro da foto é do banco britânico HSBC (Hong Kong-Shanghai Banking Corporation). O HSBC fundou-se com capital procedente do tráfico de ópio [3] e teve um peso decisivo em muitos acontecimentos da Lestásia (Ásia Oriental) desde a época colonial. Depois das Guerras do Ópio, o Império Britânico estreitou laços com várias sociedades secretas chinesas de séculos e até milênios de antiguidade - as tríades ou máfia chinesa, assim como outros muitos grupos, nasceram desta interação. A China capitalista-mercantil moderna é o resultado direto da influência do comércio britânico na China depois das Guerras do Ópio.

O estreito de Málaca é a *lifeline* ou linha vital das economias asiáticas (China, Japão, Coreia do Sul, Taiwan, etc.). Em sua zona mais crítica (o estreito de Cingapura), o estreito não é muito profundo (25 m) e o tamanho máximo para que um navio possa transitar é da chamada classe *Malaccamax*. Alguns navios (particularmente alguns petroleiros e transportes de *containers*) excedem o *Malaccamax*, e devem se dirigir a outros estreitos. Como o próximo estreito é o indonésio de Sunda (onde está situada a capital indonésia de Jacarta), ainda mais raso (20 m), os barcos mais mastodônticos

devem procurar outros estreitos indonésios, como Lombok. Isso adiciona quilômetros à rota, aumentando os custos de transporte e, portanto, o preço final de produto transportado.

A China estabeleceu seu Colar de Pérolas para dar segurança a seu tráfego marítimo, mas também intenta desesperadamente aliviar um pouco sua enorme dependência do estreito de Málaca para que suas mercadorias e fontes de energia não transitem por uma torneira controlada pelo atlantismo. Tentou sacar rotas terrestres (especialmente através do Paquistão e de Mianmar), mas parece que todos os seus intentos de sair ao Oceano Índico são rapidamente frustrados pelo atlantismo na forma de desestabilizações territoriais ou tratados diplomáticos. Isso deixa à China a opção de criar um novo estreito de Málaca, sob seu controle: escavando um canal no Istmo de Kra. A outra opção seria estabelecer portos, refinarias, terminais de gás natural, etc., de ambos os lados do istmo, e conectando estas instalações mediante um corredor comercial que incluiria um gasoduto, um oleoduto, uma via férrea e uma rodovia. O projeto do corredor teria 44 km, uma largura de 500 m e dotado de rodovias, uma para cada sentido. De tal modo, as mercadorias poderiam saltar desde o Mar de Andamão (Índico) ao Golfo de Tailândia (Pacífico). O projeto de corredor comercial se encontra atualmente estagnado devido as... preocupações ambientais.



Projetos para um canal e/ou corredor comercial no Istmo de Kra. Os grandes prejudicados regionais são Malásia, Indonésia e, especialmente, Cingapura, e portanto, indiretamente Reino Unido e Estados Unidos. A ideia de um canal na Tailândia é tão antiga quanto o rei siamês Narai o Grande, que no século XVII já mantinha relações diplomáticas com a França e pediu ao engenheiro francês Lamar que investigasse a possibilidade de iniciar a obra. Em 1897, o Império Britânico e a monarquia siamesa concordaram em não construir o canal para proteger a posição dominante de Cingapura.

Este projeto diminuiria a importância a Cingapura de modo similar ao ocorrido com a Cidade do Cabo quando da construção de Suez, ou com o estreito de Magalhães quando da abertura do canal do Panamá, ou ainda com a Dinamarca quando do canal de Kiel. Em suas diversas versões, o canal/corredor tailandês diminuiria, em relação a Málaca, entre 960-1300 km (de um a três dias) da rota entre o Índico e o Pacífico. E dependendo da profundidade, diminuiria entre 2.500-3.000 km (quatro a cinco dias) em relação ao estreito de Sunda, e de 3.000-3.500 km (cinco a sete dias) em relação ao estreito de Lombok. Os proponentes afirmam que um oleoduto cortaria os custos de transporte petroleiro na Ásia em 0.50 dólares por barril, e o gasoduto em 3 dólares por metro cúbico de gás. Assim, se converteria sem dúvida na pérola mais importante do colar chinês e numa "zona econômica especial" de importância global. Seria uma revolução importante na Rota das Especiarias e provocaria uma nova ordem regional.

A construção do canal levaria de cinco a sete anos, teria um custo de 20 a 25 bilhões de dólares (em comparação, a arrecadação do tesouro público espanhol em um ano é de 100 bilhões de euros) e empregaria 30.000 operários. Segundo um informe interno preparado para o então Secretário de Defesa Donald Rumsfeld e publicado no *Washington Times* em 2005, a China - especialista em infraestruturas hídricas e similares desde milênios atrás - se oferecera para custear o valor da obra, incluindo refinarias e instalações portuárias completas, uma pista de aterrissagem e uma base naval, como parte de sua estratégia do "colar de pérolas", bases avançadas e segurança energética. A China já havia contribuído para melhorar as infraestruturas portuárias de Laem Chabang na Tailândia. Se os governantes da Tailândia ainda não se decidiram pela construção do canal é porque estão comprados pelos governos da ASEAN e pelos interesses de Londres e Washington. Alegam impacto ambiental, custos enormes ou que o canal fragmentaria a Tailândia em duas, separando as minorias muçulmanas da malaia do Sudeste [4] e convertendo a Península de Malásia numa ilha de fato. Segundo as "teorias da conspiração", os políticos tailandeses são regularmente subordinados por Cingapura e Malásia para votarem no parlamento contra a construção do canal. Estas teorias não são desprezíveis dada a enorme dependência econômica de ambos os países (a Malásia possui seu próprio *hub* comercial em Málaca: Port Klang ou Port Swettenham) do tráfico comercial pelo estreito.

É indiscutível que um canal tailandês reduziria drasticamente a distância das rotas marítimas, o tempo de transporte e, portanto, os custos finais, mas se o projeto se concretizar na Tailândia, tanto Malásia como Cingapura e Indonésia sofreriam um enorme impacto econômico, onde os arranha-céus de Cingapura só serviriam como ninhos de gaviotas, a indústria naval cingapurense falharia, e Estados Unidos e Reino Unido sofreriam um golpe tremendo, inclusive com potencial de gerar um conflito armado naval na região. Além do mais, a Armada e a frota mercante chinesa obteriam acesso a uma vasta continuidade marítima que vai desde o Mar do Sul de China até o Cabo da Boa Esperança e os estreitos de Ormuz e Mandeb.

O canal de Kra é exemplo de como os interesses do eixo angloamericano atlantista colidem com os interesses do lucro, do capital e da globalização sem pátria e sem fronteiras. Para um capitalista da era da globalização, o dinheiro é cego e não tem pátria. O canal de Kra daria mais benefícios às multinacionais, mas não convém à política exterior da anglosfera. Sabotando os esforços chineses no Paquistão, Índia, Mianmar e Tailândia, o atlantismo mantém o *status quo*, forçando toda a Lestásia a depender de Cingapura e seu império regional: a ASEAN.

BIRMÂNIA (MIANMAR)

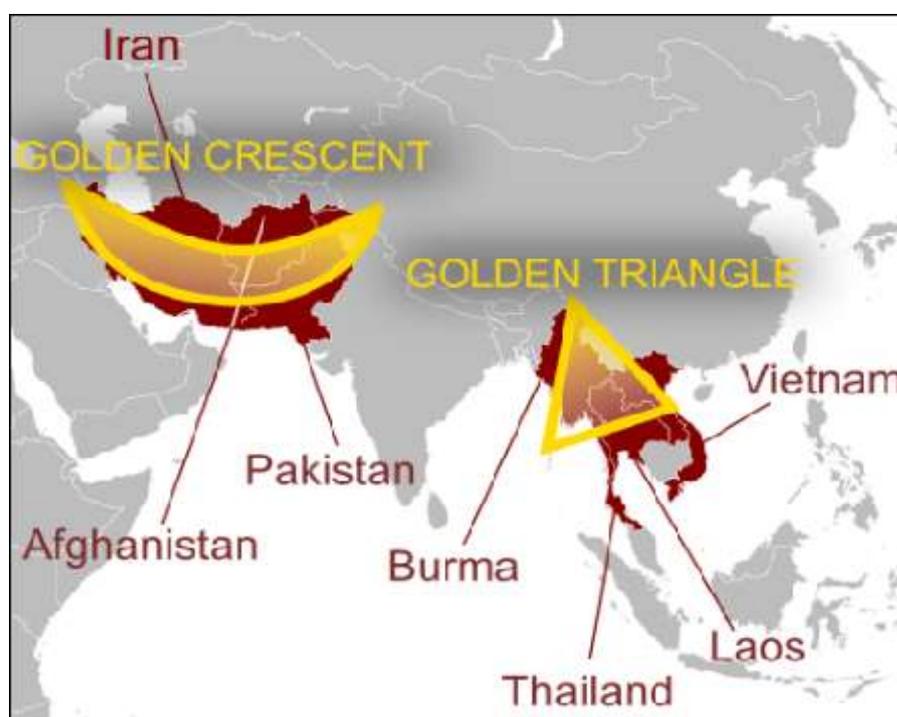
Mianmar é a rota mais curta desde a dinâmica costa Leste da China até o Oceano Índico, pelo qual este parágrafo é dos mais importantes desta série de artigos. Durante décadas, a Birmânia compunha a lista negra das potências atlantistas. Em 2005, a então Secretária de Estado Condoleeza Rice incluiu na lista de "postos avançados de tirania", o exército birmano, também descrito como o lado mau no último filme de "Rambo". O país até sofreu uma revolução colorida espontânea, chamada "revolução do açafrão", promovida pelos EUA, em 2007 - principalmente porque nesse mesmo ano, a PetroChina e a Birmânia haviam firmado um memorando de entendimento segundo o qual a Birmânia forneceria gás natural à China. A revolução do açafrão também coincidiu casualmente com o *Malabar 07*, manobra naval da *US Navy* com as armadas de Índia, Japão, Cingapura e Austrália.

Contudo, numa brusca mudança política, a Secretária de Estado Hillary Clinton (a primeira do cargo a viajar à Birmânia desde 1955), manifestamente morta de sono, visitou o país em novembro de 2012, junto com Obama, que se converteu no primeiro presidente estadunidense a visitar o país, falando de um tal "processo de reforma democrática e econômica" que abriria oportunidades de "desenvolvimento" para o país. Clinton até recomendou literalmente às multinacionais estadunidenses que investessem na Birmânia: o clima havia mudado, agora havia "abertura ao exterior" e ansiedade de deixar-se violar pela globalização. O que representa realmente essa guinada geopolítica verdadeiramente orwelliana, os inimigos passaram a ser amigos ou ao menos não-inimigos? O que esconde o vicioso dialéto diplomático do presidente estadunidense e o *jet lag* do dignatário? A resposta a ambas as perguntas é a crescente influência de Beijing na região e sua relação de amor e ódio com Washington.



Acima, Rambo confraterniza com um talibã afegão (então chamado mujahideen) no filme "Rambo III"... hoje EUA combate os talibãs. Abaixo, "John Rambo" se encarrega de um militar birmanês como somente ele sabe fazer... hoje, os EUA estreitam relações diplomáticas com a Birmânia.

Mianmar era um antigo Estado budista que todavia no século XVII adquire força suficiente tanto para infligir derrotas tanto aos portugueses quanto ao reino de Sião. Durante a era colonial, os britânicos foram adquirindo rapidamente influência na região, estabelecendo a petroleira *Rangoon Oil Company* (posterior *Burmah Oil Co*) em 1871, e anexando a Birmânia em 1886, que passa a formar parte de uma vasta continuidade territorial limitada só por duas antigas monarquias tradicionais que retiveram sua independência: Pérsia (Irã), a oeste, e Sião (Tailândia), ao leste. O domínio britânico chocou-se em seguida com as populações locais, firmemente apegadas a suas tradições budistas, que motivaram grandes revoltas até a década de 1930. Como havia se passado com o Islã no Egito, os britânicos se deram conta da enorme vantagem estratégica de cooptar as autoridades religiosas-sociais, neste caso os budistas (assim como na atualidade, com o Dalai Lama formando claramente parte da esfera de influência do atlantismo). A Birmânia, rica em ópio, passou a integrar a rede de narcotráfico de todo o Sudeste Asiático.

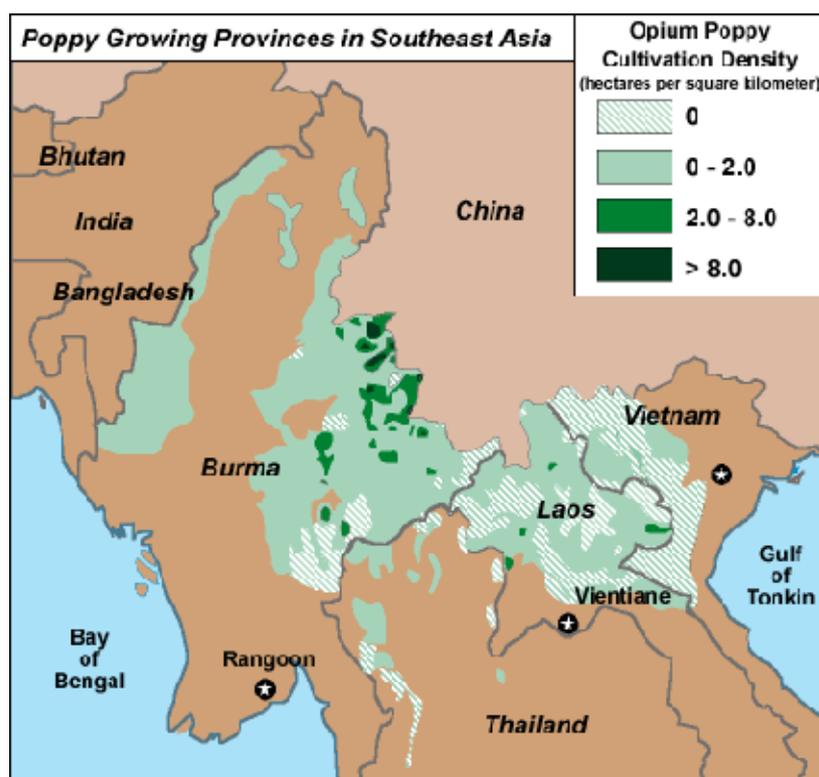


Se a cocaína é uma das grandes protagonistas secretas da geopolítica da IberoAmérica, o ópio é na Ásia. As duas narco-zonas assinaladas (Crescente Dourado e Triângulo Dourado) têm muito em comum: ambas compartilham fronteira tanto com China quanto com Índia, ambas haviam sido ocupadas pelos EUA de uma forma ou outra (Vietnã, Afeganistão) e ambas se encontraram no passado sob a influência do Império Britânico e do narcotraficante David Sassoon. Nota-se como o Camboja caia fora do chamado "Triângulo Dorado".

Em março de 1942, as tropas japonesas entraram na Birmânia e a administração britânica colapsou. Os britânicos organizaram unidades de elite conhecidas como Chindits, que assoladas pela malária e desenteria, operavam muito atrás das linhas japonesas, sendo em muitos sentidos precursores das modernas unidades de operações especiais. Uma unidade estadunidense comparável, os *Marauders* de Merrill, se uniu a ela em 1943. Enquanto, o antigo tráfico de ópio na zona, tradicionalmente em mãos britânicas, serviu para nutrir a resistência anti-japonesa na China, financiando as primeiras repúblicas soviéticas do país: Jiangxi e Yan'an [5].

Os japoneses perderam 150.000 homens na Birmânia, dos quais só 1.700 prisioneiros. Isto sugere que os militares japoneses, com seu imaginário coletivo fortemente influenciado pelo arcaico arquétipo samurai, costumavam preferir a morte no combate antes que a rendição. Em 1948, a Birmânia obteve a independência do Reino Unido, seguindo o processo de deseuropeização do mundo que se desencadeou no após II Guerra Mundial. Mas diferentemente de outras ex-colônias, a Birmânia não passou a formar parte da Commonwealth.

Em 1962, um golpe de Estado colocou a Birmânia sob o controle de uma junta militar que nacionalizou a indústria, pôs o grosso da economia sob controle estatal e governou o país desde então. Durante toda a Guerra Fria, a Birmânia foi um país instável e violento dominado por uma larga sucessão de siglas insurgentes que, como as guerrilhas na Colômbia, controlavam e controlam o cultivo e tráfico de ópio nas frondosas regiões interiores e fronteiriças do país. Em 1996, ano que "supostamente" devia marcar um golpe mortal ao narcotráfico e iniciar a derrota da narco-guerrilha, a embaixada dos Estados Unidos em Rangum publicou um documento intitulado "*Country commercial guide*" na qual afirmou que as exportações ilegais de ópio birmano produzem tantos ingressos quanto as exportações legais do país (incluindo petróleo e gás natural). Afirma ainda que as inversões em hotéis e na infraestrutura da Birmânia procedem de organizações criminosas dedicadas ao cultivo e tráfico de ópio.



Densidade de cultivo de papoula na Birmânia, em ha/km². A Birmânia foi o país líder em produção de ópio até que foi superado pelo Afeganistão depois da invasão da Aliança em 2001. A Birmânia (e a Tailândia como estação intermediária) é também um macrolaboratório de importância global na fabricação de drogas sintéticas em geral e metfetaminas em particular. Na volátil e montanhosa fronteira birmano-tailandesa, existe toda uma rede de refinarias nas quais o ópio se transforma em heroína. Aqui trabalham ativamente diversas narcomilícias, as triades e outras máfias chinesas, tanto muçulmanas quanto não-muçulmanas. Durante décadas, os bancos de Cingapura e Hong Kong (incluindo o HSBC) se encarregaram dos ingressos procedentes destas atividades.

Outro problema da Birmânia, este bastante recente, tem a ver com o ataque da minoria étnica **rohingya** por parte da maioria **rakhine**, que ocorre no estado birmanês de Rakhine (conhecido também como Rohang ou Arakan) desde 2012, embora o conflito tenha raízes mais antigas. Os rohingya são de origem e idioma indo-ário, mais aparentados dos povos da Índia e Bangladesh do que com as etnias da Birmânia, e são muçulmanos. Os rakhine, por sua vez, são sino-tibetanos e budistas.



O estado de Rakhine no marco birmano, uma costa que domina o Golfo de Bengala e na qual se entrecruzam as esferas de influência da Índia e China. Nota-se que neste estado se encontram Sittwe (Akyab) e Kyaukpyu - duas das importantes pérolas do colar chinês. Sittwe se encontra em frente a Calcutá, a maior cidade e porto da Índia.

A desestabilização do estado de Rakhine é necessária para o atlantismo por vários motivos:

1. Gasoduto, colar de pérolas chinês e outras inversões estrangeiras. A rota desde a costa birmana até a cidade de Kunming, na província chinesa de Yunnan, pode ser considerada como uma antiga "rota do ópio" e agora parece que os chineses querem cometer a heresia geopolítica de transportar gás natural no lugar do ópio.

Na ilha de Ramree, onde ingleses e japoneses travaram uma crucial batalha durante a II Guerra Mundial (se diz que nos pântanos ao redor da ilha, os crocodilos devoraram 400 soldados japoneses), os chineses estão construindo diversas instalações e dutos para receber petróleo e gás natural da África, do Golfo Pérsico e do Golfo de Bengala, e transportar estas mercadorias através do coração da Birmânia até a cidade chinesa de Kunming. Também se planeja para 2015 uma estrada e via férrea de alta velocidade. Obviamente, o projeto é comparável ao de Gwadar (Paquistão) e ao Kra (Tailândia), em sua intenção de evitar o traiçoeiro estreito de Málaca.

Na vizinha cidade costeira de Kyaukphyu, os chineses estão construindo um porto de águas profundas e um terminal petrolífero, enquanto que, mais ao norte, na também costeira Sittwe os chineses mantêm um centro de inteligência e espionagem eletrônica (orientado especialmente, se supõe, ao tráfico marítimo) desde 1994, e também desenvolvem um porto e base naval. Preocupantemente, em Sittwe os hindus estão

construindo um terminal energético pensado para alimentar o crescimento de Bangladesh e do estado hindu de Bengala Ocidental, de 90 milhões de habitantes. Abrindo o fluxo energético na Birmânia, Nova Delhi pode também dinamizar a isolada e subdesenvolvida região do nordeste da Índia, proporcionando-lhe uma saída marítima e, talvez, aplacando a enorme quantidade de guerrillas e insurgências (incluindo uma "cristã-maoísta") que infestam a zona.



Como sempre, os oleodutos e gasodutos levantam paixões na Eurásia e especialmente fora dela - Estados Unidos e Reino Unido vêem esses projetos terrestres como uma ameaça a seu controle sobre as rotas marítimas. A *China National Petroleum Corporation* começou a construir o gasoduto sino-birmano em 2009, e espera-se que quando estiver completo transporte 12 milhões de toneladas bruto ao ano - algo como 10% das importações petrolíferas chinesas. Se estes projetos se realizarem, Kunming se converterá no principal *hub* comercial do Sudeste Asiático, onde convergerão todas as ferrovias, estradas, gasodutos e oleodutos da Birmânia, Tailândia, Laos e Vietnã. O perdedor regional seria, de novo, Cingapura. A China tem sido pressionada para cancelar o projeto.

2. Romper a continuidade territorial do mundo muçulmano no Sudeste Asiático. O mundo muçulmano é um bloco que vai desde o Saara Ocidental até a Indonésia, mas sua continuidade se vê desafiada em certos pontos. O mais óbvio destes pontos é o corte geopolítico conhecido como Estado de Israel, mas existe outro corte em andamento no Sudeste Asiático: o estado birmano de Rakhine, uma delicada franja costeira onde os muçulmanos são minoria e tem sido atacado por radicais budistas com a intenção de limpeza étnica.



Em verde: importante população muçulmana. Em vermelho: fronteiras do mundo muçulmano. Em negro: pontos de ruptura do mundo muçulmano. O estado birmano de Rakhine representa a fronteira entre o Islã propriamente eurasiático e o Islã "indopacífico". O atlantismo parece interessado em erradicar a minoria muçulmana de Rakhine (os chamados rohingya, com uma população de um milhão) e cultivar este estado como uma cunha geopolítica.

3. Pirataria e militarização do estreito de Málaca. O narcotráfico, graças a seus contatos com a pirataria regional, serve a outro fim: proporcionar uma desculpa para militarizar o estreito de Málaca e águas circundantes.

Sittwe, o centro dos conflitos étnicos em Rakhine e berço dos "monges políticos" rebeldes desde a época do domínio britânico, é o epicentro de várias inversões chinesas e hindus, incluindo um porto e uma possível base naval sendo construída pela China e um importante centro de espionagem eletrônica chinês. Sittwe pode ser uma ponte ou uma brecha entre China e Índia, dependendo da manipulação. Tendo isto em conta, resulta muito interessante prestar atenção à reação da "comunidade internacional" e de seus agentes, ante a violência étnica contra a minoria muçulmana rohingya por parte dos fundamentalistas budistas. A "comunidade internacional" (leia-se ONU, EUA, Reino Unido e outros poderes globalistas) havia mantido um silêncio sepulcral sobre esses distúrbios, chamando a atenção apenas sobre as violações dos direitos humanos cometidas pela junta militar birmana. Mas a projeção do poder atlantista na Birmânia não só vem na forma de condenações diplomáticas, mas também em apoio a insurgentes ou grupos radicais. A penetração atlantista também vem pela ação das ONGs e dos agentes que operam dentro da Birmânia com fundos estadunidenses. Um destes grupos é a NED (*National Endowment for Democracy*), uma fachada legal da CIA que atua sob as ordens do Departamento de Estado dos EUA, a qual vimos no Egito apoiando a Irmandade Muçulmana e no Baluchistão aos separatistas fundamentalistas. A NED geralmente utiliza palavras de ordem inócuas e cínicas como "liberdade de informação",

"transparência", "democracia", "luta não-violenta", "abertura" e "fortalecimento de ONGs" para encobrir as atividades claramente subversivas em que está envolvida.



Se o leitor nunca concebeu a existência de grupos budistas radicais e violentos com a aprovação do Dalai Lama, talvez deveria pensar de novo. Na Birmânia, estes grupos tem linchado centenas de muçulmanos rohingya, expulsando-os de suas casas e até comparecendo aos campos de refugiados para bloquear a entrega de ajuda humanitária. Estes monges se encontram apoiados pela *Open Society Institute* do especulador nova iorquino George Soros, pelo *National Democratic Institute for International Affairs* e, especialmente, pela *National Endowment for Democracy* (NED), uma organização sustentada pelo *US State Department* ao que podemos ver apoiando a Irmandad Muçulmana no Egito. Ao que parece, as radicalizações sectárias na Ilha Mundial não fazem mais que beneficiar o eixo atlantista, que é amigo só das etnias e/ou religiões que lhe convem num contexto regional e temporal determinado. Estes monges fundamentalistas formam a base da **Liga Nacional pela Democracia** (NLD), liderada por Aung San Suu Kyi [6].

Graças às manobras destes grupos de poder sustentados por Washington, a "opositora" birmana Aung San Suu Kyi (as vezes, abreviada como ASSK) saltou à fama internacional e obteve o prêmio Nobel da paz em 1991, compartilhando a duvidosa honra com personalidades tão sombrias como Henry Kissinger, Obama, Elie Wiesel, Nelson Mandela, Gorbachov e a UE. Desde então, Suu Kyi é uma *santa laica da globalização* ao lado dos já mencionados, além de Gandhi, Martin Luther King, Rigoberta Menchú, Dalai Lama (um fantoche do atlantismo que tem muita influência na budista Birmânia), Desmond Tutu, Liu Xiaobo, Ai Weiwei e outros. Todos eles são/eram basicamente mafiosos apoiados por fortes poderes globalistas com implacáveis propósitos geoeconômicos e comerciais, além de seres humanos vaidosos e imprestáveis moralmente. Isto resultará em muitas vítimas em nome da nova religião universalista, igualitária e homogeneizadora, patrocinada pela UNESCO.